

HUGO SIMAS

# Paranaguá e a Republica

(Publicação patrocinada pelo "Club Literario")



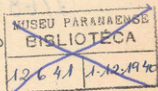
PR-F1.  
981.622  
S588  
PAR

Edição do  
DR. DICESAR PLAISANT  
1940

HUGO SIMAS

# Paranaguá e a Republica

(Publicação patrocinada pelo "Club Literario")



Edição do  
DR. DICESAR PLAISANT  
1940

Dr. - EP  
981.622  
S 588  
PAR

**Acompanhei FERNANDO SIMAS na  
alvorada da Republica !**

**JOÃO REGIS**



HUGO SIMAS

# Hugo Simas

*Embora sob a proteção moral de puras e bravas tradições avitas, o nome de HUGO SIMAS exprime, nesta época do Paraná, uma das individualidades mais brilhantes na sua vida de coração e de espírito. Conheço-o e conheço-o muito bem, de longa data, que fomos companheiros comuns em campos de batalha, onde o general dos combates que se travaram só possuía uma monótona, mas bela ordem de comando: os interesses coletivos do Paraná que vai, na ascendência dos tempos, em quasi três séculos de civilização, desde o momento em que aventureiros lhes desembarcaram nas costas e conseguiram sofismar a indefesa vigilância dos CARIJÓS, enchendo de orgulho o Brasil que lhe enxerga, na virtude do intenso labôr, a própria nobilitação de toda a nacionalidade.*

*HUGO SIMAS pertence á Suprema Côrte de Justiça do Estado, sendo considerado mestre na literatura jurídica do país. Inda agora o Ministro FRANCISCO CAMPOS, a propósito do CÓDIGO AÉREO que elaborou e do tratado de DIREITO MARITIMO, dirigiu encomios ao eminente contrerrâneo. Não quero encara-lo por esse prisma, visto como perjiho um juizo filosófico, o qual afirma "que o Jurisconsulto não pode ser grande homem". Se HUGO SIMAS ficasse encurralado, como méro juiz, dentro das competições mesquinhas do Direito, desse bolor de Direito adjetivo com que o país tanto embaraça os bacharéis, já estaria indubitavelmente CHICHARRO e não teria adquirido o justo e grande renome, sobre prestígio, em todos os setores da nossa inteligência e da nossa cultura. Para comprovar tão sereno assêrto vai, neste opúsculo, publicada sob os auspícios do Clube Literário, uma sua conferência de outro dia, feita no Instituto Histórico e Geográfico Paranaense por sugestão patriótica do seu Presidente, o insigne ROMARIO MARTINS e na qual se arquivam generosas e liberais tradições de Paranaguá na propaganda república. Procurando divulgação e encantador estílo, só houve, em o fazer, o sentimento de lhe protestar admiração, dando a fastos do passado, educadores pelas lições de despreendimento e de coragem, relevo atual, evitando que acontecimentos tão sugestivos caíam, quiçá, em letargo.*

*Novembro de 1940.*

**DICESAR PLAISANT**

Meio século transcorrido sobre a manhã de 15 de novembro de 1889, os que formaram o espírito à luz da democracia, e dentro do seus postulados, tiveram a orientação da vida política estruturada nos mandamentos que a Revolução outorgara à Nação, sentiram que uma hosana patriótica devia ser entoada à data memorável, ao menos em homenagem aos que sonharam e sofreram pelo ideal que a decisão de Deodoro realizou.

E, descuidados, esqueceram de procurar, para a glorificação que de mim pretendem, uma outra dessas vozes moças em que ao calor se aliam o timbre, a imaginação, o brilho da frase, a excelência das idéias, a cultura especializada, a pureza da elocução, o arroubo e o entusiasmo, para trazerem à eminência desta tribuna aquela pobreza que se orna do luto das vestes talares com que se murmura, sem estremecimentos de entusiasmo, a palavra da consciência na gélida frieza dos arestos. É que, para dizer o que foi o ideal republicano, entre nós, indispensável descer a "Serra", deixar os píncaros em que se recosta, entre as musselinas da neblina, o centro administrativo da Província, e chegar à velha Paranaguá de 1883.

Para entrar à casa dos seus avós, mistér se fez ir buscar o filho egresso do vetusto solar dos seus maiores, que, na melancolia dos crepúsculos do seu outono, sente iluminadas as temporas pelo calor do mesmo raio do sol que redoura, nas tardes azues que se refletem no múrmuro Itiberê, o semáforo da Cotinga.

O rio é sempre um símbolo da alma humana incontida nos seus anseios de liberdade. É aquele que embalou o primeiro sono de meu Pai, ao rumurejar abafado, quando a brisa da tarde lhe erriça de leve o dorso e ha de povoar do cicío de suas águas em marcha o meu sono derradeiro, se não guarda o famoso candelabro de ouro das afirmações dos baixos relevos do Arco de Tito, nem as trombetas e os vasos do Tabernáculo, que a tradição afirma submersos no Tibre, imortalizado pela fundação de Romã, guarda, para a vaidade do nosso amor pela terra natal, a linfa da fonte Castália que dessedentou a FERNANDO AMARO, e em que JÚLIA DA COSTA encontrou alívio para as angústias de sua vocação poética.

Guarda, porém, mais do que a poesia do reflexo dos poentes purpeiros, como se o sol, no luxo das pompas de sua agonia, quizesse retratar-se em espelho de cinábrio e ouro.

Por suas águas, permanentemente a correr, passou, como um carregamento de glória e de esplendor futuros, tôda a riqueza que fez da mais nova das divisões administrativas do Brasil, uma das regiões de mais variados matizes de nossa pátria, cujo futuro promissor se vislumbrou no esmeraldino dos seus prados, que se povoavam, nos taboleiros imensos dos seus "Campos Gerais". E cresceram os algodoeiros, que nevam as regiões quasi torridas do norte; floresceram os cafesais, que se enfileiraram, quais colares de gigantescas esmeraldas, pelas coxilhas em sucessão; demarcam-lhe as lindes os pinheiros infindos, na doçura de seus céus azues, no frescor das águas cantando nos lageados, vive a tradição dos seus dias primévos.

Alí, nas suas margens, se criou ainda no primeiro quarto de século da vida autonoma da novel Província, o que o Paraná possuiu de mais representativo em fortuna, em cultura, em prestígio político, em representação social. Com o desenvolvimento da capital, sede da vida administrativa, deslocou-se, aos poucos, o centro da vida provinciana, que teve em todo o Brasil, o berço de sua civilização na margem litoreana.

Mas, nem o evolver da *clan* governativa, aninhada no planalto, a velha povoação de GABRIEL DE LARA, no humus de cuja terra gastára quasi meio século para germinar a semente da autonomia, que sua Câmara Municipal pleiteava para a quinta comarca de S. Paulo, junto a D. JOÃO VI, por intermédio do CONDE DE AGUIAR, perdeu o fastígio que lhe dava o relêvo cultural de sua sociedade. Permaneceu na orla estreita do litoral — Antonina, Morretes e Paranaguá — tôda a vida econômica, industrial, artística e intelectual do Paraná, até que, raspados os flancos das penedias, para que, sôbre os abismos, se lançassem as vigas por onde havia de circular a seiva sugada aos seios puberes da terra recém violada no mistério dos seus tesouros e na opulência de sua virgindade fecunda, esplendesse a maturidade das seáras, que, no louro das espigas, com que entresachava de ouro o verde dos Campos Gerais, desenhava, na amplidão dos seus descampados, a cromática simbólica da bandeira nacional.

Deslocava-se para o planalto a vida mental de nossa terra.

Antes, porém, que o silvo da locomotiva tivesse espantado no sombrio dos grotões da Serra os tangarás insones, era ali que vivia a mais robusta expressão de cultura e de civilização paranaenses. Alí nasceram os grandes e mais antigos troncos das nossas árvores genealógicas; alí estavam plantados os solares a cuja sombra cresceu a quasi totalidade das grandes figuras que o nosso Estado forneceu ao cenário econômico, político e intelectual do 2.º Império.

Pode, por tão expressivas circunstâncias, avaliar-se de que soma de energias morais, de decisão e de renúncias haviam de ser portadores os que, nesse reduto de valores e de sustentáculos da Monarquia, traziam a palavra de protesto contra o regime que representava o arcabouço e a estrutura da comunidade brasileira.



Galeria existente no Clube Republicano em Paranaguá, vendo-se nela os mais conspícuos elementos da propaganda republicana que na culta e histórica cidade de Paranaguá se desencadeou. Da esquerda para a direita: Manoel Lucas Evangelista, Manoel Figueira Neto, Luís Mariano de Oliveira, José Gonçalves Lobo, José Ferreira de Campos, Teobaldo Dacheux, Francisco José de Souza, Gerald Devisé, Fernando Simas, Guilherme José Leite, Benedito Antônio Guilherme, Nestor Vitor dos Santos, Joaquim Guilherme da Silva, Júlio Cesar Fernandes Peixoto e Zezalpino Luís Pereira.



O movimento de anormalidade, como em todas as revoluções, trazendo a consciência de que os instrumentos do regime são inaptos para realizar os fins do Estado, teve a sua expressão mais viva e mais generalizada no combate à escravidão, em que colaboraram a nossa dignidade nacional, rudemente ferida pelo *bill* Aberdeen, no tráfico negreiro, e os reclamos de nossa civilização.

Proibido o tráfico de africanos, por lei de 1831, os grandes introdutores de escravos, ligados a políticos influentes e dispendo de avultadas fortunas, continuaram a mercância vedada e desumana, até que, armado o governo da lei de 1850, se dispôs a fazê-la cumprir aos 19 anos de procrastinação delituosa. E que o contrabando continuava, com a audácia das ambições descaimadas, dá testemunho o incidente com a canhoneira inglesa "Cormorant", no porto de Paranaguá.

Não se enchem de orgulho as nossas vaidades patrióticas pela atitude assumida. Com aquela repulsa à *afrenta aos nossos brios*, os de boa fé defendiam, na ignorância, o interesse dos contrabandistas, empenhados em salvar a carga proibida, que a bandeira inglesa arrebatava à sua posse criminoso, num largo gesto de proteção à raça oprimida e vilipendiada.

A violação à lei prosseguiu até 1861, pela barra do Superaguí, "onde podiam entrar, até Guaraquessaba, embarcações até 200 toneladas", nò-lo afirma ROMÁRIO MARTINS.

Foi o sentimento de reformas liberais, congregando consciências impugnadoras dos interesses que prendiam os grandes chefes políticos à classe dos lavradores, que determinou mais viva a reação contra o regime, que se perpetuava na política de contemporizações da Coroa, hoje sob a balela de honestidade e alto rigor moral.

A História é impiedosa. Ela nos mostra que eram os mesmos os vícios: o filhotismo, o compadresco, a intolerância política e partidária, o conculco frequente da liberdade, o aulicismo e a corrupção.

Não são os regimes que fazem as nacionalidades; são os povos que fazem os regimes.

Os áulicos da Monarquia, fossem, embora, contrabandeadores de escravos, fraudadores da lei, puderam, muitas vezes, pavonear os braços da nobiliárquica indígena dentro do clima político "de proscricção, de corrupção, de venalidade e de cinismo", na frase do Visconde de Camaragibe, clima que favoreceu a lepra do falseamento do voto, legado à República, para denegrir 40 anos de experiência democrática.

"Não pode haver harmonia entre oprimidos e opressores, exclamou o Barão de Cotegipe, entre usurpadores e usurpados, entre algozes e vítimas. Se os oprimidos suportam, chamai-os resignados. Se não promovem a reivindicação, chamai-os covardes."

Os que não nasceram para o *servilismo* que, na frase de JOÃO MENDES DE ALMEIDA, era para o monarca brasileiro a única virtude, sentiram que não bastava, para dignificação da pátria, a extinção do ele-

mento servil, e, não encontrando harmonia possível “entre o futuro do povo brasileiro e o futuro da família Bragantina”, promoveram a reivindicação à luz do lábaro que iluminou a planície de Piratinin, ideal que enflorou de vitórias as lanças farroupilhas. Era o espírito da revolução, que é o espírito de conquista da liberdade sonhada, ou o espírito de reconquista da liberdade perdida.

Afirma-o, na linguagem comum aos propagandistas políticos, o artigo programa de 7 de julho de 1883, com que o “LIVRE PARANÁ” afrontava os melindres da pequena sociedade paranaguense — monarquista e conservadora — com o dístico, bem visível, em seu cabeçalho — *Éco Republicano*: “É a voz de uma convicção profunda, o grito de uma adesão sincera que se levanta hoje para ecoar no céu límpido e virgem do Paraná.

Virgem, não na concepção do princípio, não na aspiração do ideal, mas na expressão pública da idéia.

Combater o privilégio, desde o predomínio das pequenas dinastias, até o monopólio do poder hereditário, permanente, inviolável e sagrado, eis a síntese de nosso programa”.

A forma de realizá-lo vem traçada no ineditorial de 4 de agosto do mesmo ano, sob a epígrafe — “*Propaganda Republicana.*”

O Núcleo Republicano de Paranaguá convida aos seus correligionários das diferentes localidades da Província a organizarem núcleos locais, afim de fundar-se o Partido Republicano no Paraná.

Pede-se que todas as deliberações sejam comunicadas a esta Redação, que, por meio de seu periódico, dará publicidade a tudo quanto for atinente ao desenvolvimento do partido.

Ficam, desde já, as mesmas colunas à disposição dos nossos correligionários para sustentação de suas idéias e defeza de seus direitos”.

Confirma a existência desse núcleo de cristalização do messianismo político na cidade da marinha, como existiam esparsos, por toda a Província, outros tantos centros constituídos por enamorados à reação contra o predomínio das castas, a simples circunstância da manutenção daquele periódico por um moço pobre, sem tradição de famílias avoengas, em luta a peito descoberto, e de viseira levantada contra os que os partidos organizados possuíam de prestigioso nos conselhos da Coroa, enfrentando, face a face, os que tinham nas mãos o cofre das graças e conheciam as seduções enganadoras do mândo, para poder humilhar, como os Médicis, ou para corromper, como Péricles.

Volvidos os olhos para os centros sociais de 56 anos passados, e, tomando-se o azimute compreendido pelo meridiano paranaguense e que passava pela Côte, teremos alcançado a altura do exemplo de coragem cívica, de espírito público, de dedicação à causa esposada, de heroísmo conciente, de bravura pessoal nessa atitude de combate à Monarquia.

Dos entrechoques em que se viu envolvido o batalhador indefesso, disse o propagandista intemorato, ao deixar a efetiva direção do periódico,

**LIVRE PARANA**  
 ECO REPUBLICANO

CONSAGRADO A AUTONOMIA DO POVO

LES PRINCIPES SONT TOUT; LES HOMMES NE SONT RIEN — GAMBETTA "POVO TU PARECES PEQUENO, PORQUE ESTAS DE JOELHO. LEVANTA-TE!"

**SAL ANARCO**  
 Este medicamento é muito conhecido e muito usado em todas as partes do Brasil, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

**ENPLASTRO FORTIFICANTE**  
 Este medicamento é muito conhecido e muito usado em todas as partes do Brasil, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

**ESPARTILUOS**  
 Este medicamento é muito conhecido e muito usado em todas as partes do Brasil, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

**MEDICINA OPERADORA**  
 Este medicamento é muito conhecido e muito usado em todas as partes do Brasil, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

**DROGAS**  
 Este medicamento é muito conhecido e muito usado em todas as partes do Brasil, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

**TIPOGRAPHIA**  
**LIVRE PARANA**  
 Este medicamento é muito conhecido e muito usado em todas as partes do Brasil, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

**EM 5 MINUTOS!**  
 Este medicamento é muito conhecido e muito usado em todas as partes do Brasil, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

**MADEIRA UNIV. AMAR. PUELA**  
 Este medicamento é muito conhecido e muito usado em todas as partes do Brasil, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

Primeira página do *Livre Paraná* que se publicava em Paranaguá, desde 1883, tendo, como Diretor, Fernando Simas e jornal que se entregava à propaganda republicana. Este exemplar do "Livre Paraná" tem o número 52 e a data de 5 de Julho de 1884 - Ano II. Além do título "Livre Paraná" traz mais as seguintes indicações no cabeçalho: *Eco Republicano* — *Consagrada à autonomia do Povo* — *Les Principes sont tout; les hommes ne sont rien* — *Gambetta* "Povo tu pareces pequeno, porque estas de joelho. Levanta-te!"

ao fim de três anos de pugnacidade, nestas singelas palavras, que lhe traziam a assinatura: FERNANDO M. DE SIMAS:

“Com este número, encerra esta folha o seu 4.º ano de vida.

A 7 de julho de 1883 surgiu à luz, tendo por ideal político o evangelho Republicano — símbolo de paz e de confraternidade.

Mal compreendida a atitude do órgão que representava, não uma força, mas a fé de uma convicção; não uma arma de guerra, mas um instrumento de liberdade, esta folha teve de combater em vez de doutrinar, lutar em vez de convencer.

Desde o 1.º número de sua vida tormentosa, pela deficiência mental de nosso meio social, o LIVRE PARANÁ foi forçado a transgredir, quem sabe, as regras de conduta que se havia traçado, tendo de empenhar-se em devezais ingratos, defendendo princípios que não eram propriamente o que constituía a sua tendência política, nem o seu escopo jornalístico, nem o seu objetivo particular.

Dessa luta sáí cançado aquele que, na brecha, teve a responsabilidade moral e legal de suas opiniões, de suas más apreciações, ora demasiado severas, ora, quiçá, injustas e mal pensadas. Todos esses desvios devem ser levados à conta pessoal do fraco combatente e não à idéia Republicana sempre mantida abaixo de sua imponência imaculada, pela incompetência do lutador.

Retirando-nos da direção desta folha, cumprimos um dever de consciência afirmando, mais uma vez, que através de todos os nossos erros, deve sobreelevar-se-nos a intenção, que foi sempre inspirada pelo bem da causa pública, pela grandeza de nossa pátria.

.....  
Continua a propriedade e responsabilidade legal da folha a cargo de quem hoje se despede dos leitores do LIVRE PARANÁ, agradecendo a benevolência dos colegas da imprensa e as demonstrações particulares de simpatia que teve ocasião de receber, durante o período de três anos em que se esforçou para vulgarizar ao menos um vocábulo, que é um símbolo de paz e de amor — REPÚBLICA.

A lealdade, a dedicação e o desinteresse com que servimos a causa das liberdades públicas deixamos à justiça dos julgamentos dos nossos concidadãos”.

Desde 1883 vinha a náu escravagista vulnerada no seu arcabouço, pelo combate que lhe davam as *sociedades libertadoras*, e, desde 1881, vinha Paranaguá agitando a idéia da fundação de núcleos republicanos em todas as localidades da Província. Naquele ano, constituíam o núcleo paranaguense, na ordem em que vem subscrita a declaração que fizeram, os seguintes: FERNANDO M. DE SIMAS, MAURÍCIO SINKE, GUILHERME J. LEITE, CAMILO ANTÔNIO LAINES FILHO, MANOEL B. CARNEIRO, BERNARDO SOARES GOMES JUNIOR e RICARDO ANTÔNIO DA COSTA. No ano seguinte, já assinaram

o *Manifesto aos Paranaguenses*, além dos citados, com exceção de MANOEL B. CARNEIRO e RICARDO ANTÔNIO DA COSTA, mais os seguintes: PEDRO ALOYS SCHERER, MANOEL ALVES MAGALHÃES, MANOEL CLARO ALVES, VICENTE M. DO NASCIMENTO, NESTOR ANTÔNIO DA COSTA, JOSE' VIEIRA DE SALES, MANOEL LUCAS EVANGELISTA, MANOEL JOSE CORREIA, CAETANO JOSE' DE LIMA, CIPRIANO GONÇALVES MARQUES, LUÍS JOSE' DA SILVA, CÂNDIDO DE OLIVEIRA SALGADO, CUSTÓDIO R. VIANA, MANOEL POLICARPO DE SALES, LUÍS ANTÔNIO XAVIER, H. HURLEMANN, ANTÔNIO TAVARES DE MIRANDA, JOAQUIM BELÉM DE OLIVEIRA, MANOEL CORREIA DE FREITAS, AUGUSTO ALÍPIO DA COSTA E SILVA, e MANOEL JOSE' DA COSTA LISBOA.

O núcleo de cristalização se conglobára, demonstrando que a evangelização republicana triunfava.

Em 1887, subscrevem a ata de instalação do "Clube Republicano" de Paranaguá, além dos já citados FERNANDO SIMAS e GUILHERME LEITE, mais NESTOR VITOR DOS SANTOS, JÚLIO CESAR FERNANDES PEIXOTO, JOSE' FERREIRA DE CAMPOS, BENEDITO ANTÔNIO GUILHERME, FRANCISCO JOSE' DE SOUZA, JOSE' GONÇALVES LOBO, TEOBALDO DACHEUX, CEZALPINO LUÍS PEREIRA, GERMANO AUGUSTO PIRATH, MANOEL FIGUEIRA NETO, MANOEL LUCAS EVANGELISTA, LUÍS MARIANO DE OLIVEIRA, GERALDO DIVISÉ e JOAQUIM GUILHERME DA SILVA.

Tendes, Senhores, larga messe de nomes que figuram nos anais da propaganda republicana em Paranaguá, e que de outros podia ser acrescentada, não fôsse o dever de não abusar de vossa tolerância. E, para que mais, se "há, na frase de PINTO DA ROCHA, uma coincidência cruel no desdobrar da História?

COLOMBO revela ao mundo a grandeza duas vezes assombrosa dos continentes xifópagos, que a cordilheira andina liga sobre os mares, como espinha dorsal de um só gigante, que nem a fúria do Atlântico pôde vencer e quebrar, na lenta invasão secular que foi cavando o grande golfo central, que o mar das Antilhas encheu de vagas e sacudiu em ciclone... A ingratidão humana, revela a história, algemou o piloto de Palos, matou o almirante que primeiro ouviu o soluçar do Orenoco, esqueceu o genovez que descobrira as Índias Ocidentais e deu aos Continentes, que são a garantia do futuro humano, o nome de AMÉRICO VESPÚCIO, o aventureiro.

E, para recompensa de tamanha empresa, apenas, na riba do Pacífico, há um pedaço de terra em que o nome ciclópico da vítima de Bobadilla teve a consagração de um povo à magestade do seu gênio.



*Fac-simile da primeira página do "Pátria Livre", jornal da propaganda republicana de Albino Silva, fundado em Paranaguá, em Abril de 1887. O exemplar acima é de 31 de Julho de 1890, n.º 62 - 2.º ano, trazendo, no cabeçalho, a inscrição: *A República era o nosso ideal; agora é o nosso dever trabalhar por ela.**

CABRAL, da própria terra de COLOMBO, arranca ao segredo dos trópicos este pedaço de paraíso que a Providência colocou entre o Prata e o Amazonas, para fazer a grandeza de Portugal dos séculos XV e XVI... A ingratidão humana, revelada na História esqueceu o almirante luso de Sagres e para a recompensa de tão alto feito homérico, deu à ilha, que vela pela soberania de nossa pátria, o nome de VILLEGaignon, o aventureiro, que pretendeu arrancá-la à glória preciosa que o naufrago de Camboja eternizou nos versos da epopéa. E sobre toda a extensão territorial deste colosso não há, sequer, um palmo de terra em que o nome do descobridor esteja incrustado, para perpetuação de tamanha glória.

Foi necessário que rolassem no passado quatrocentos anos de vida americana para que o bronze de uma estátua perpetuasse, na praça pública, a figura do navegador.

Que passe a ronda dos séculos...

O Paraná também contribuiu com o seu precioso monólito para o monumento da República, e Paranaguá teve, entre os seus apóstolos, um ASHAVERUS da Democracia, que cruzou os quadrantes de sua Província a semear a idéia nova — S. Paulo na estrada de Damasco; S. João, no lago de Tiberíades, acalmando as vagas, para que o temporal não perturbasse o sono de JESÚS...

Não há nomes a evidenciar. A nossa homenagem, aos republicanos paranaguenses, é para todos os obreiros da grande cruzada, especialmente para os soldados de última fila, os que modelam os grandes blocos das obras eternas, os que vão a passo estugado atrás dos que levam a frente iluminada pelas grandes ouzadias.

A águia perguntou, um dia, ao sol, no poema de LAMARTINE, porque ilumina além dos cumes avermelhados pelo sangue dos ocasos. Nós sabemos que seus raios se esparramam pelos prados modestos e se podem estender, sem mácula, pelos desfiladeiros, para a vivificação da plantinha clorótica, escondida na humildade sombria dos grotões. Não peçamos claridade exclusivamente para os que atingiram as grandes alturas; reivindicuemô-la, igualmente, para os que se não elevam ao nível dos vales.

Seja a nossa homenagem, na data da glorificação da República, também, para os que não tiveram a satisfação do mando e do renome; dos que, colaborando para a vitória do pensamento liberal, se perderam no silêncio e na indiferença do tempo; para os que, tendo amargado o travo dos sacrifícios, não encontraram mãos que lhes gravassem na história o nome ou uma legenda.

Glória a todos, grandes e pequenos, todos imponentes debaixo da tranquilidade do céu, sob a purpura dos sóis!

---